A IDENTIDADE DA COMUNIDADE DE CANUDOS NA OBRA OS SERTÕES: A CONSTITUIÇÃO DA IDEOLOGIA E DO SUJEITO DISCURSIVO NO MEIO SOCIAL

Giulandio Lobato Nascimento

Ariceneide Oliveira da Silva

RESUMO: O artigo intitulado *A Identidade da Comunidade de Canudos na Obra Os Sertões: a constituição da ideologia e do sujeito discursivo no meio social*, tem como objetivo principal, mostrar o sujeito pós-moderno, descentrado, interpelado e assujeitado, através do discurso ideológico, na perspectiva da AD – Análise do Discurso, utilizando como figuras centrais e exemplares o Estado e os sertanejos. Dessa forma apresentar as ideologias e os Aparelhos Ideológicos do Estado trabalhados no livro, e assim relacioná-los ao *corpus* da obra com as teorias abordadas. A metodologia utilizada foi o levantamento bibliográfico e a análise discursiva da narrativa *Os Sertões*. Relaciona-se a obra com grandes teorias sociais que abordam a Identidade, o Discurso, a Ideologia e os Aparelhos Ideológicos do Estado, e todos esses mecanismos respaldados por estudiosos como, Althusser (1970), Foucault (1999), Balman (2001), Orlandi (2001), Cunha (2002), Brandão (2004), Hall (2006), Orlandi (2012), Avighi (2017).

PALAVRAS-CHAVES: Discurso. Ideologia. Interpelação. Sujeito.

ABSTRACT: The article entitled The Identity of the Community of Canudos in Obra Os Sertões: the constitution of ideology and subjects in the social environment, whose author of the narrative is Euclides da Cunha, has as main objective, to show the modern subject, decentered, questioned and assujeitado, through ideological discourse, from the perspective of AD - Discourse Analysis, using as central and exemplary figures the State and the sertanejos. In this way, we present the ideologies and ideological apparatuses of the State worked on in the book, and thus relate them to the corpus of the work with the theories addressed. The methodology used was the bibliographical survey and the discursive analysis of the narrative Os Sertões. It is related to the work with great social theories that approach the Identity, the Discourse, the Ideology and the Ideological Apparatus of the State, and all these mechanisms supported by scholars like, Althusser (1970), Foucault (1999), Balman (2001), Orlandi (2001), Cunha (2002), Brandão (2004), Hall (2006), Orlandi (2012), Avighi (2017).

KEYWORDS: Discourse. Ideology. Interpellation. Subject.

1. INTRODUÇÃO

Esse artigo aborda algumas vertentes do clássico *Os Sertões* de Euclides da Cunha, na perspectiva do sujeito pós-moderno, discursivo e interpelado. Sendo assim, o interesse em analisar a narrativa *Os Sertões* e apresentar alguns fragmentos de seu arcabouço, histórico e

informativo, na perspectiva da A.D – Análise do Discurso, surge em vista da grande dinamicidade do mecanismo sociedade e como isso é refletido na narrativa em foco.

Uma observação da sociedade e todo seu sistema de estrutura e funcionamento, é algo muito curioso e interessante por percebermos como as relações das pessoas, classes e instituições sociais, se situam em seu meio existencial, tanto em sua essência histórica, quanto na contemporaneidade, e assim vão se desenvolvendo, ampliando, perpetuando-se e aplicando seus modos e métodos de manter a ordem, o controle, implantar filosofias e validá-las

Sendo assim, a estrutura do respectivo TCC – Trabalho de Conclusão de Curso, dividiu-se em oito seções, em que inicia-se com o item, *A primeira república: o contexto histórico e social, e a constituição do arraial de Canudos*, nessa seção, mostra-se evidencias de forma minimizada de alguns fatos históricos da Primeira República, somente para esclarecer em qual contextualização ocorreu a batalha de Canudos e como esses fatos contribuíram para a marginalização do sertanejo e consequentemente a constituição de Canudos.

Na segunda seção, tópico *Identidade na perspectiva discursiva*, coloca-se alguns apontamentos acerca da crise de identidade ocorrida na era moderna e pós moderna, que desnorteou a sociedade em geral, corrompendo os sujeitos, e os tornando descentrados e celebrados movelmente, isto é, totalmente sem direções, quanto as suas ideologias e identidade, como membro constituintes da sociedade, seguindo e disponível a novas ou qualquer ideologia.

Mais adiante, aborda-se o eixo, O *Discurso: uma perspectiva de análise*, em que é apontado qual a consistência do Discurso, como ele é estruturado, qual o objetivo do seu uso, e como o mesmo é adquirido na sociedade, visando sempre objetivos institucionais, e assim materializando a ideologia.

Nesse sentido segue-se com a apresentação da temática, *Pressupostos ideológicos no discurso*, para mostrar a maneira como a Ideologia se materializa através do Discurso, sendo propagada por um AIE – Aparelho Ideológico do Estado ou AR – Aparelho Repressivo do Estado, para propor ideologias, e dessa formar interpelar os indivíduos, os transformando em sujeitos concretos e assujeitados à simulações da realidade.

Dessa forma, nesse sentido de evidências, é colocado na sequência a seção *O sujeito na ótica discursiva*, em que aponta-se como ocorre a interpelação do sujeito através do discurso, e assim, esclarecer a contribuição do discurso e ideologia, na transição de indivíduo

para sujeito concreto, através da ideologia discursiva, juntamente com especulações, da essência do discurso, de acordo com a posição social do enunciador.

Na seção *A constituição da identidade e do povo de Canudos*, mostra-se como se deu o processo de formação, tanto da identidade do sertanejo, quanto do povo, do arraial de Canudos, e dessa maneira, esclarece-se quais os motivos e enlaces sociais que influenciaram e contribuíram para aquele quadro social histórico.

Realiza-se apontamentos de mecanismos sociais e os relaciona com a obra *Os Sertões*, sendo assim, faz-se necessário colocar as contrariedades entre o Estado e Antônio Conselheiro, protagonista do clássico literário brasileiro, então, esse mecanismo é evidenciado na seção, *Ideologias antagônicas: Antônio Conselheiro x Estado.*

As abordagens desse trabalho são relações de filosofia linguística com o objeto em foco, apresenta-se como eixo central e necessário para grandes esclarecimentos, a respeito dos motivos desencadeadores da batalha de Canudos e a interpelação daquele povo, a formação social e a constituição subjetiva do grande líder religioso, e isso é mostrado na seção, *Antônio Conselheiro: O sujeito que interpelou milhares através do seu discurso.*

Na apresentação dos eixos desenvolvidos nas seções desse artigo, com base na perspectiva da AD – Análise do Discurso, e as relacionando com fragmentos da narrativa *Os Sertões*, é uma proposição muito importante para esclarecer, como o *corpus* é apontado e embasado no respectivo trabalho, sendo assim, dar-se esclarecimentos das evidencias colocadas nos desenvolvimentos seguintes.

2. O GRANDE NARRADOR SOCIAL E HISTÓRICO: E SEU CLÁSSICO LITERÁRIO *OS SERTÕES*

Euclides Rodrigues Pimenta da Cunha, nasceu em 1866, no município de Cantagalo, Rio de Janeiro, morou com os parentes na fase da infância e adolescência, devido ficar órfão bem jovem. Ao atingir a maior idade foi estudar engenharia civil na capital Rio de Janeiro, não terminando os estudos, entra para a escola do exército, e inicia uma carreira militar e na mesma, forma-se em Engenharia Militar e Bacharelado em Matemática e Ciências Naturais. Após altos e baixos na vida militar é exonerado do exército.

No decorrer da sua vida, ingressou para a vida das Letras, atuando como jornalista, escritor, poeta, professor e principalmente como engenheiro civil. Dessa forma, foi pioneiro no movimento literário pré-modernista, que, conforme afirmou Araripe Júnior, citado no prefácio de *Os Sertões*, era um jovem dotado de muito talento, e numa crítica a Euclides frisou "primeiro lugar entre os prosadores da nova geração". Acentuava a "elevação histórico-filosófica do livro" e o "talento épico-dramático" de Euclides. (CUNHA, 2002, p.07).

Por se tornar nome de enorme relevância no meio artístico, literário e jornalístico, passou a escrever para jornais, que publicavam sobre história, geografia e política na sociedade da época, tais publicações eram passadas nos grandes centros urbanos como São Paulo e Rio de Janeiro. Sendo assim, Euclides da Cunha foi convidado em agosto de 1897, pelo jornalista Júlio de Mesquita para testemunhar as operações do Exército na Guerra de Canudos, no sertão baiano. Suas mensagens eram transmitidas por telégrafo, para o jornal paulista. Permaneceu no local até outubro do mesmo ano.

Então foi a partir dessa experiência de Euclides da Cunha como jornalista correspondente, que ele obteve os respaldados em suas pesquisas e anotações pessoais, necessários para a produção da narrativa em foco, por isso, surgiu o grande clássico literário *Os Sertões*, publicado em 1902, que lhe rendeu muita fama e prestígio, inclusive um grande cargo no IBGE e uma cadeira na ABL - Academia Brasileira de Letras, devido, sua facilidade e sensibilidade ao descrever os fatos e a região sertaneja em que ocorreu a Guerra de Canudos.

A narrativa retrata uma das maiores batalhas ocorridas no final do século dezenove, entre o estado brasileiro recém formado e os sertanejos marginalizados e consequentemente, a par da sociedade, situados no interior do sertão baiano. Tal fato é um elemento histórico e social, descrito por Euclides da Cunha de maneira realista e bem minuciosa, dando uma descrição muito ilustrativa e impactante, tanto do local em que ocorreu a faceta, como das hecatombes ocorridas nos confrontos entre o exército os conselheiristas. Dessa forma, trata-se a narrativa de uma obra artística literária, assim como um documento materializado e simbolizado socialmente, que realça e mostra uma verdade na história do Brasil, num contexto histórico dado.

Os Sertões de Euclides da Cunha é uma narrativa muito intensa, sendo composta de 524 páginas, variando de acordo com a sua publicação, dividida em três partes, são elas: *A terra*, *O homem e A luta*. Todas as partes trazem brilhantemente a agudez e a sensibilidade de Euclides, sendo materializada e refletida através do seu discurso literário, realista e

minucioso. A seção *A terra* descreve fielmente aspectos da paisagem desde o relevo, a fauna, a flora e o clima árido, já trazendo um pouco das características dos sujeitos sertanejos.

Nessa perspectiva, a narrativa mostra na parte *O homem*, numa ótica muito interessante, histórica e antropológica, a descrição profunda e impactante do homem sertanejo, do jagunço e do cangaceiro, como um ser muito resistente, em relação ao seu físico e mental, em vista do meio e as condições que o mesmo vive, conforme mostra Cunha (2002, p. 72):

> Erige-se autônomo entre as raças o *homo americanos*. A face primordial da questão ficou assim aclarada. Quer resultem do "homem da Lagoa Santa" cruzando com o pré-colombiano dos "sambaquis"; ou se derivem, altamente modificados por ulteriores cruzamentos e pelo meio, de alguma raça invasora do Norte, de que supõe oriundos os tupis tão numerosos na época do descobrimento – os nossos silvícolas, com seus frisantes caracteres antropológicos, podem ser considerados tipos evanescentes de velhas raças autóctones da nossa terra.

E quanto a resistência dos sertanejos, aponta Cunha (2002, p. 112-113):

> O sertanejo é, antes de tudo, um forte. Não têm o raquitismo exaustivo dos mestiços neurastênicos do litoral. [...] e da figura do vulgar do tabaréu canhestro, reponta inesperadamente, o aspecto dominador de um titã acobreado e potente, num desdobramento surpreendente de força e agilidade extraordinária.

Numa conjunção apresenta-se os fatores geográficos, como mostra Cunha (2002, p. 33):

> Alentam-na ainda: o estranho desnudamento da terra; os alinhamentos notáveis em que jazem os materiais fraturados, orlando, em verdadeiras curvas de nível, os flancos de serranias; as escarpas dos tabuleiros terminando em taludes a prumo que recordam falésias; e até certo ponto, os restos da fauna pliocena, que fazem dos *caldeirões* enormes ossuários de mastodontes, cheios de vértebras desconjuntadas e partidas, como se ali a vida fosse de chofre, salteada extinta pelas energias revoltas de um cataclismo.

E então, coloca-se também alguns aspectos climáticos da seguinte forma:

> Ao mesmo tempo espelha-se o regime excessivo: o termômetro oscila em graus disparatados passando, já em outubro, dos dias em 35º à sobra para as madrugadas frias. No acender do verão acentua-se o desequilíbrio. Crescem a um tempo as máximas e as mínimas, até que no fastígio das secas transcorram as horas num intermitir inaturável dos dias queimosos e noites enregeladas. (CUNHA, 2002, p. 42)

No último trecho intitulado *A luta*, evidencia-se como foi a *Guerra de Canudos* e esclarece-se com precisão científica, os detalhes e os fatos dessa guerra que destruiu a população de Canudos. Então, uns dos retratos evidenciados claramente nessa seção, é a relação entre os jagunços e as expedições militares que combatiam o movimento, culminando num confronto nefasto e sanguinário, tendo como resultado a morte de Antônio Conselheiro e de muitas pessoas daquele grupo e consequentemente a vitória do Estado.

Apresentar o grande letrado Euclides da Cunha, e trazer de forma concisa alguns aspectos de sua jornada e formação, até a sua concretização num literato de extrema magnitude, juntamente com apontamentos da sua maior obra e clássico da literatura brasileira, *Os Sertões*, é algo muito interessante, por o mesmo, se tratar de um fato histórico e social, que influenciou na formação do Brasil. Com isso, mostrar a temática abordada nesse artigo, numa perspectiva discursiva.

3. A PRIMEIRA REPÚBLICA: O CONTEXTO HISTÓRICO E SOCIAL, E A CONSTITUIÇÃO DO ARRAIAL DE CANUDOS

Em 1889, o sistema de governo do Brasil mudou de monarquia para república, esse fenômeno social ocorreu devido a sociedade brasileira estar em instabilidade e insatisfação com o sistema monárquico, conforme mostra Monte (2010, p. 02): "Não mais súditos, e mesmo em condições políticas excludentes, os cidadãos estariam a explorar formas de defender suas próprias concepções de direitos, ao mesmo tempo em que davam respaldo ao recém constituído Estado republicano, e a seu Judiciário". Dito isto já se nota aspiração a mudanças pela sociedade em geral.

A formação da República ocorreu não por terem estruturado um excelente projeto de organização administrativa republicana, em prol de exuberantes planejamentos sociais. O país desenvolvia-se através de uma série de fatos ocorridos principalmente, nos setores econômicos e comerciais, sendo assim conclui-se uma necessidade de mudança brusca no sistema de controle do país. Tais mudanças foram:

> A dinamização do sistema cafeeiro, a entrada de investimentos estrangeiros, o aumento da importação e da exportação, a diversificação do setor industrial ligado ao café, a modificação de regime de trabalho e a modernização e mecanização do campo, como também a construção de ferrovias e portos. (MONTE, 2010, p. 07)

Como nota-se, o quadro social brasileiro da época, era um entremeio de relação baseado em altos e baixos, certezas e incertezas, e até conflitos de ideais ou físicos. Sendo isso, devido as mudanças na estrutura social, tais características são muito comum em qualquer processo de renovação e reconstituição, então é muito importante evidenciar esses fatos tão impactantes que contribuíram para a constituição e solidificação da nossa República, que Pinto e Ferreira evidenciam fortemente:

> A Primeira República é interpretada como um período marcado por um sistema de dominação baseado no latifúndio, cuja dinâmica comportaria três fases: a da

> implantação, caracterizada pelo predomínio do poder da classe média pela atuação dos militares; a da consolidação, controlada pelas oligarquias latifundiárias; e a do declínio, marcada tanto pela expansão da burguesia industrial e da classe média quanto pela disputa desses setores pelo controle do poder. (PINTO; FERREIRA, 2017, p.03)

Sendo assim, nota-se as fases perpassadas nesse processo dinâmico e conturbado, de monarquia para república, dividiu-se em três fases, e cada fase teve seu processo e vertente social controladora, sendo assim, dotada de poder e fazendo parte dessa estrutura e renovação social.

Na corrente de fatos ocorridos na transição do Brasil monárquico para a república federativa, como anteriormente foi colocado, ocorreu uma série de mudanças e um dos grandes elementos que aspiraram essa transição foi a necessidade de um sistema mais igualitário. Dessa forma, o Brasil estava saindo da inércia monárquica e desenvolvendo-se, porém, ainda existia e houve por muito tempo uma certa instabilidade no novo controle social e de interesses públicos, conforme mostra Avighi (1987, p.30):

> A própria ideia nacional perdia-se na esterilidade da política miúda da rua do Ouvidor, desqualificada para enfrentar o desafio representado pela ignorância quase absoluta do território brasileiro e das populações sertanejas, pelo desequilíbrio regional e pelo abandono do interior do país.

Dessa maneira, a formação social do Brasil era uma situação baseada na ignorância e no abandono do território brasileiro, especificando o interior, tendo como uma de suas características a oligarquia que privilegiava. Com isso, a falta de apoio nas áreas interioranas gerava calamidade e pobreza, causando alterações no estado comportamental dos sertanejos, manifestado através da rebeldia e do banditismo. Sendo essas caraterísticas, a do perfil do Arraial de Canudos, como se verá mais adiante.

E nesse parâmetro de evidência dos elementos da sociedade do Brasil, na Primeira República, surge o vilarejo de Canudos, no interior do sertão baiano, que conforme Cunha (2002), em 1890 era somente uma fazenda de tapera de cinquenta capuabas de pau-a-pique, e que antes dessa época era, refúgio de pessoas ociosas, armadas, desordeiros e criminosos, que perambulavam pelo sertão, que ali ficavam, somente bebendo e fumando cachimbos de barro em canudos bem longos.

Mas afirma Cunha (2002) que após a chegada de Antônio Conselheiro e seus seguidores o lugar aspirou à mudanças bruscas, conforme ele descreve na obra *Os Sertões*:

> Estava, porém, em plena decadência quando lá chegou aquele em 1893: tijupares em abandono; vazio os pousos; e, no alto de um esporão da Favela, destelhada, reduzida às paredes exteriores, a antiga vivenda senhoril, em rupinas...

> Data daquele ano a sua revivescência e crescimento rápido. O aldeamento efêmero dos matutos vadios, centralizado pela igreja, que já existia, ia trasmudar-se, ampliando-se em pouco tempo, a Tróia de taipa dos jagunços.
>
> Era o lugar sagrado, cingido de montanhas, onde não penetraria a ação do governo maldito. (CUNHA,2002, p.170)

Nos primórdios do Arraial de Canudos, apresenta-se uma falta de infraestrura, e esse é o elemento mínimo para uma condição digna de vida, e foi renegados pelo Estado à aquela população, que se desenvolvia à margem, da oligarquia governante. Assim, constituía-se a nova população de Canudos, conforme veremos mais adiante na constituição daquele povo.

Conforme aponta Cunha, (2002, p. 173) "a *urbs* monstruosa, de barro, definida bem a *civitas,* sinistra do erro. O povoado novo surgia dentro de algumas semanas, já feito em ruinas. Vista de longe [...], tinha o aspecto perfeito de uma cidade cujo solo houvesse sido sacudido e brutalmente dobrado por um terremoto". Diante desses aspectos históricos e sociais, que referenciam Canudos, no interior do sertão brasileiro, de forma marginalizada, não construída e a par da civilização, pode-se tentar entender esse quadro, devido à falta de apoio de um dos elementos constituintes e essencial de uma formação social, que segundo Althusser (1970), é o AE - Aparelho de Estado, em específico o governo e a administração, que será discutido na sessão *Pressupostos ideológicos no Discurso*. Logo nessa ótica, pode-se levar em consideração que esses suportes do estado e republicanos ainda estavam no início e em formação.

Então, na abordagem de Althusser (1970), o AE – Aparelho de Estado, faz parte de um mecanismo social intitulado superestrutura, que só se mantém na hegemonia do controle do Estado através da reprodução das condições de produção, e essas condições são realizadas por uma classe caracterizada infraestrutura, ambas se reciprocam para existirem. No entanto, fazendo alusão a situação caótica de Canudos, essa retorno do Estado não ocorria, por motivos citados anteriormente, caracterizando O Arraial de Canudos como um ação malograda.

Dessa forma, após especulações do contexto histórico do Brasil e da constituição do arraial de Canudos, desenvolve-se de forma geral uma construção subjetiva, tanto do fenômeno de transição de monarquia para república, e assim, como esse elemento contribuiu para a marginalização do sertanejo e constituição de Canudos, e esse fato é abordado brilhantemente e de forma minuciosa em *Os Sertões*.

4. IDENTIDADE NA PERSPECTIVA DISCURSIVA

De acordo com Hall (2006) o sujeito moderno flexionou-se, em relação a sua visão de mundo, mudança de instituição, estrutura social, e há uma contradição de identidade em seu subjetivo e no processo de identificação em qual se projeta nas identidades culturais, tornou-se provisório, variável e problemático, tendo como resultado o sujeito pós-moderno, não tendo uma identidade fixa, essencial e permanente. Sendo assim, Hall caracteriza esse fato como "celebração móvel", mostrando que a identidade se tornou um ícone abstrato que se adequa a qualquer proposição de ideologia, do meio e da cultura, não sendo um item centrado e sólido, mostrando traços fortes da crise de identidade ocorrida no sujeito pós-moderno.

Para Bauman (2001), a sociedade contemporânea baseia suas relações pessoais e seus conjuntos de valores como relações líquidas, essa metáfora é utilizada devido aos líquidos serem propícios à adaptações, e basicamente a qualquer mudança de forma brusca, quando pressionado por uma força tangencial, isto é horizontal, em seu estado de repouso, ou quando levado há altas temperaturas, por isso, os mesmos têm a capacidade de escorrer, pingar e vaporizar. Essa metáfora é utilizada por Bauman para realçar a fragilidade das relações humanas na sociedade atual, mostrando que os valores foram totalmente corrompidos e assim, tornando a sociedade um lugar repleto de instabilidades, fuga da verdade, mudanças constante e desvalorização do outro. Conforme aponta Bauman a seguir:

> [...] pela profanação do sagrado, que consistia no repúdio e destronamento do passado, e, antes e acima de tudo, da tradição, que se traduzia no sedimento ou resíduo do passado no presente. O espírito moderno chamava pelo esmagamento da armadura protetora forjada de crenças e lealdades que permitiam que os sólidos resistissem à liquefação. (BAUMAN, 2001, p. 09)

Dessa forma, a sociedade pós-moderna é classificada como uma sociedade de relações liquidas e fluidas, bem diferente de características da sociedade anterior, que se baseava num conjunto de valores sólidos, que Bauman refere-se como relações sólidas, como contradição à metáfora dos líquidos, e assim dizer que os valores sociais antepassados eram estruturados e firmes como uma substância maciça, e alude aos valores morais, religiosos e familiares, como pilares que instruíam a sociedade a formar sujeitos totalmente íntegros e enquadrando-se na vertente de um ser completo.

Evidenciando esses mecanismos providos da discussão sobre a crise de identidade e os fatores que contribuíram para o quadro, fica claro a tendência do sujeito a dispor de novas e diferentes ou paralelas ideologias que se distanciam muito daquela estrutura social que,

segundo Hall (2006), “caracterizava o sujeito iluminista”, conforme percebe-se no evidenciado:

> O sujeito do Iluminismo estava baseado numa concepção da pessoa humana como um indivíduo totalmente centrado, unificado, dotado das capacidades de razão, de consciência e de ação, cujo “centro” consistia num núcleo interior, que emergia pela primeira vez quando o sujeito nascia e com ele se desenvolvia, ainda que permanecendo essencialmente o mesmo – contínuo ou “idêntico” a ele – ao longo da existência do indivíduo. O centro essencial do eu era a identidade de uma pessoa. (HALL, 2006, p. 11)

Logo, mudanças ocorreram devido à aquisição de novas ideologias que se desenvolveram no decorrer das fases da sociedade, essas ideologias atingiram os sujeitos através de uma forma linguística caracterizada discurso. E esses discursos atingiram a grande massa por meio de um processo e força de mudança sintetizado globalização. Tal elemento é evidenciado por Hall (2006, p. 67):

> Na história moderna, as culturas nacionais têm dominado a “modernidade” e as identidades nacionais tendem a se sobrepor a outras fonte, mais particularista, de identificação cultural. O que, então, está tão poderosamente deslocando as identidades culturais nacionais, agora, no fim do século XX? A reposta é: um complexo de processo e forças de mudança, que, por conveniência, pode ser sintetizado sob o termo “globalização”.

Para Bauman (2001), outros elementos que fizeram com que a sociedade atual se porte de forma considerada líquida e fluida, é a forma como as pessoas passaram a enxergar e considerar o espaço e o tempo, isto é, a maneira como as pessoas valorizam os elementos que o rodeiam numa conjuntura com o valores históricos. Então, com a mudança e a transição de valores tradicionais para o liberalismo, fruto da modernidade, fez com que todas as relações modernas se tornassem instantâneas, ficando assim, mais propícia ao controle das imposições do Estado, através dos veículos de controle da modernidade, principalmente dos midiáticos.

Nos engajamentos de Bauman é mostrado algumas vertentes e mudanças da sociedade, e evidenciado fortemente sob a metáfora das relações líquidas e as sólidas, dando um parecer de suas características físicas, aludindo aos comportamentos dos sujeitos pré-existentes e os pós-modernos, referenciando que toda a mudança e evolução da sociedade contribuiu diretamente para o quadro de consideração dos valores do mundo, fazendo assim da sociedade um lugar de relações leves e que podem se desfazer, acabar a qualquer momento, ou se liquefar.

Ao colocar-se uns apontamentos a respeito da transição da característica do sujeito iluminista para o sujeito moderno ou pós-moderno, se esclarece o grande rebuscado de idealizações sobre essa instabilidade do sujeito contemporâneo, em relação a todas suas vertentes de atuação, em sua integração na sociedade.

Portanto, nessa perspectiva de abordagens a respeito da identidade, sua constituição e transição, será mostrado nesse artigo, como essas contradições e rompimentos da identidade ao longo do tempo são refletidos em Antônio Conselheiro, que demostra um perfil do sujeito iluminista trabalhado por Hall, em que todas as providências do mesmo são tomadas com princípio em seu "eu", seu subjetivo. O povo que o próprio interpelou é percebível essência da descentração do sujeito, e tal fato pode ser interpretado e relacionado nesse sentido com a obra *Os Sertões*.

5. O DISCURSO: UMA PERSPECTIVA DE ANÁLISE

O Discurso é uma ferramenta utilizada pelo sujeito para controlar, limitar e validar seus objetivos, metas e realizações, dentro de uma sociedade ou grupo cultural específico, é estruturado em diversos elementos, internos, externos e sujeito da sociedade, dotado de valor linguístico, provenientes de elementos históricos e culturais. Dessa forma, nessa perspectiva frisa Foucault, como se vê na passagem abordada:

> Suponho que em toda sociedade a produção do discurso é ao mesmo tempo controlada, selecionada, organizada, e redistribuída por certo número de procedimentos têm por função conjurar seus poderes e perigos, dominar se acontecimento aleatório, esquivar sua pesada e temível materialidade. (FOUCAULT, 1999, p. 08-09)

No campo de evidências científicas, que trabalham em busca de apresentar, mostrar, argumentar e explicar o mecanismo de transposição de sentidos e significação, denominado discurso, é interessante mostrar as vertentes apresentadas por Orlandi (1980). A autora apresenta um vasto leque de proposições acerca desse sistema de expressão, e numa conjuntura, mostra uma importante diferença entre fala e discurso. Orlandi apresenta a seguinte forma:

> Também não se deve confundir com "fala" na continuidade da dicotomia (língua/fala) proposta F. de Saussurre. O discurso não corresponde à noção de fala pois não se trata de opô-lo à língua como sendo esta um sistema, onde tudo se mantém, com sua natureza social e suas constantes, sendo o discurso, como a fala, apenas uma sua ocorrência casual, individual, realização do sistema histórico, a-sistemático, com suas variáveis e etc. O discurso tem sua regularidade, tem seu funcionamento que é possível apreender se não opomos o social e o histórico, o sistema e a realização, o subjetivo ao objetivo, o processo ao produto. (ORLANDI, 2001, p. 21-22)

Nesse desenvolvimento, fica muito transparente esse cenário dualístico abordado, fala e discurso. A concepção enunciada por Saussure é desengajada na observação desenvolvida

buscando esclarecer diferenças sobre a dualidade abordada. Sendo assim, pode-se simbolizar e consistir especificamente, tais diferenças de seguinte forma, a fala é o conjunto de palavras agrupadas dotadas dos seus respectivos significados gerando uma transposição de mensagem, e discurso despoja-se em propagar em sua essência significações, resultantes de um conjunto de especificidades muito maior, e esses detalhes são, historicidade, cultura, valores, juntamente com sua formação e estrutura de desenvolvimento ao longo do tempo.

Nesse sentido mostra (ORLANDI, 2001, p. 21):

> Desse modo, diremos que não se trata de transmissão de informações apenas, pois, no funcionamento da linguagem, que põe em relação sujeitos e sentidos afetados pela língua e pela história, temos um complexo processo de constituição desses sujeitos e produção de sentidos e não meramente transmissão de informação. São processos de identificação do sujeito, de argumentação, de subjetivação, de construção da realidade etc. Por outro lado, tampouco assentamos esse esquema na idéia de comunicação. A linguagem serve para comunicar e para não comunicar. As relações de linguagem são relações de sujeitos e de sentidos e seus efeitos são múltiplos e variados. Daí a definição de discurso: o discurso é efeitos de sentidos entre locutores.

Após essas colocações sobre o discurso, esclarece-se uma questão de comunicação muito importante sobre o mesmo, no sentido de mostrar a diferença entre transmissão de informação, na língua, no texto, entre emissor e receptor, e a propagação do discurso como um elemento mais abrangente e amplo.

Então, nessas abordagens sobre o discurso, Brandão (2004), alavanca propostas de caracterização do discurso, bem compacta e interessante, em que a condição de produção do discurso, formação discursiva e ideológica, são fatores essências para que todos os objetivos de configuração, produção e enunciação do discurso sejam disseminados conforme o objetivo ideológico. Como é evidenciado por (BRANDÃO, 2004, p. 46):

> O discurso é uma das instâncias em que a materialidade ideológica se concretiza, isto é, é um dos aspectos materiais da “existência material” das ideologias. Ao analisarmos a articulação da ideologia com o discurso, dois conceitos já tradicionais em AD devem ser colocados: o de formação ideológica (que abreviaremos FI) e o de formação discursiva (FD).

Conforme o esclarecido, a ideologia ganha forma através do discurso e sempre substanciada através de dois itens, essenciais e necessários, para que haja a existência material ideológica. Com isso, partindo dessa conjuntura pode-se notar que as vertentes evidenciadas são os pilares do discurso, fazendo parte de um sistema baseado em gerar comunicação e dotar signos de significância, elaborando um conjunto de ideais principiados em gerir conceitos da sociedade.

Sendo assim, o discurso é possuidor de muita significação, atrelado ao desejo e ao poder, é a ferramenta utilizada pelas classes dominantes para se manterem na hegemonia do domínio, por isso, controlam, selecionam, validam, organizam e redistribuem, todos os elementos que podem ser propagados e interpretados através do discurso, visando seus interesses particulares. Conforme aponta (FOUCAULT, 1999, p. 08-09) "Suponho que em toda sociedade a produção do discurso é ao mesmo tempo controlada, selecionada, organizada, e redistribuída".

Nesse mesmo engajamento nota-se um outro item de grande importância, esclarecido por (ORLANDI, 2001, p.44), "É pela referência à formação discursiva que podemos compreender, no funcionamento discursivo, os diferentes sentidos. Palavras iguais podem significar diferentemente porque se inscrevem em formação discursivas diferentes". Nesse sentido, pode-se afirmar que o responsável total para que os significados sejam disseminados, diferenciados, dotados de sentido e valor no discurso, é a formação discursa, materializada no mesmo.

A exposição dos mecanismos acerca do discurso nesse artigo, ocorre devido ter sido a forma interpretada, aludindo que o Discurso foi a maneira utilizada por Antônio Conselheiro na obra "Os Sertões", na perspectiva de Euclides, para propagar suas ideologias e alcançar os sertanejos baianos, com suas ideologias colocadas de apresentar-se e agir em seu meio social. Dessa forma, esclarece-se alguns parâmetros acerca do mesmo, deixando em evidência o que é o discurso, para o quê serve e como é utilizado.

6. PRESSUPOSTOS IDEOLÓGICOS NO DISCURSO

Uma das questões muito colocadas no desenvolvimento e abordagem, quando se fala das finalidades do discurso e sua materialização no cotidiano da sociedade, é a ideologia, como mecanismo de controlar, persuadir, limitar e validar, através da repressão, força e ideais. Sendo assim, no campo de pesquisa da AD – Análise do Discurso, há uma variante muito completa de especulações sobre Ideologia.

Para Orlandi (2001), Ideologia é a articulação de virtudes do sujeito, entre elas elementos como o subjetivo, expressão do corpo enquanto ser vivo e constituinte da sociedade e relação com o meio em que se encontra, isto é, o indivíduo se identifica com um conjunto de valores históricos, culturais e contemporâneos, segue esses pressupostos devido sua

identificação com os mesmos e passa a ter suas atitudes, pensamentos e forma de se situar e interpretar o mundo de acordo com os parâmetros de tal ideologia, se tornando assim um ser assujeitado.

Na afirmação de Pêcheux *apud* Orlandi (2012), encontra-se uma proposição muito interessante sobre Ideologia e memória, que na perspectiva de Pêcheux é outro elemento constituinte do discurso, é engajada, conforme a passagem frisada:

> Ideologia para a análise de discurso, significa o efeito e a causa. Não há origem, não há sentido senão na relação [...] A memória é um espaço móvel de deslocamentos, disjunções, divisões, de retomadas, de conflitos de regularização. Um espaço de desdobramentos, de réplicas, polêmicas e contra discurso. (ORLANDI, 2012, p. 64)

Aludido esses mecanismos, pode-se perceber que a Ideologia é a relação entre os sujeitos e as instituições, sendo o efeito e causa, dita os parâmetros essenciais que compõe-se e materializam-se no discurso, realizando a interpelação. Dessa maneira, baseia-se numa memória dinâmica, que se desloca e está sempre em contradições na busca de se aprimorar.

Então nesses apontamentos esclarecendo esses itens que arrojam, despojam ideologias e interpela sujeitos, Althusser (1970), traz uma interessante apresentação de caráter muito abrangente e esclarecedor dessa vertente de comunicação, de acordo com a proposição apontada:

> Direi numa primeira fórmula*: toda ideologia interpela os indivíduos concretos como sujeitos concretos*, pelo funcionamento da categoria de sujeito. [...] Sugerimos então que a ideologia <<age>> ou <<funciona>> de tal forma que <<recruta>> sujeitos entre os indivíduos (recruta-os a todos) ou <<transforma>> os indivíduos em sujeitos (transforma-os a todos) por esta operação muito precisa a que chamamos a *interpelação*. (ALTHUSSER, 1970, p. 98-99)

Sendo assim, Althusser traz a questão da Ideologia como elemento de interpelação, através da identificação com uma ideologia, que traz seus simbolismos e passa mesmo que de forma transparente sua simulação da realidade e assim age, funciona e recruta, transformando indivíduos concreto em sujeitos concretos, e nesse sentido, configurando a sua condição de realidade.

Os grupos controladores da sociedade, sempre tiveram suas formas de manter a hegemonia e assegurar sua continuidade no poder, e esse fato é constate. Sendo assim, conforme Althusser (1970), nota-se que a forma de controle da sociedade na estrutura de civilização e republicana é o AE – Aparelho de Estado, juntamente com os AIE – Aparelhos Ideológicos do Estado e ARE – Aparelhos Repressivos do Estado.

Abordados por Althusser (1970, p. 43), “o Aparelho de Estado compreende: o Governo, a Administração, o Exército, a Polícia, os Tribunais, as Prisões, etc., que constituem

aquilo a que chamaremos o Aparelho Repressivo do Estado". Conforme Althusser, essas instituições funcionam por meio da violência, repressão e ideologia, a repressão especificando a sansões administrativas.

Já os Aparelhos Ideológicos do Estado, evidenciados alguns por Althusser (1970, p. 43-44), são:

> - o AIE religioso (o sistema das diferentes Igrejas),
> - o AIE escolar (o sistema das diferentes escolas públicas e particulares),
> - o AIE familiar,
> - o AIE jurídico,
> - o AIE político (o sistema político de que fazem parte os diferentes partidos),
> - o AIE sindical,
> - o AIE da informação (imprensa, rádio-televião, etc.).

Dessa maneira, compreende-se que o AE e os AIE, são instituições que funcionam pela ideologia e repressão, o primeiro é de cunho público e singular, já o segundo é de domínio particular e diversificado. Ambos têm o objetivo de propagar ideologia, interpelar os indivíduos, e assim sempre manter a hegemonia da classe dominante sobre a classe dominada, fazendo se perpetuar um ciclo caracterizado, reprodução das relações de produção.

As abordagens propostas acerca da ideologia e colocadas em evidências nesse texto, são importantíssimas para o entendimento de como a mesma é materializada no discurso de Antônio Conselheiro em *Os Sertões*, na ótica de Euclides da Cunha, e assim, compreender como ele passava suas Ideologias, tais eram valores morais, doutrinas, costumes, modo, cultura e etc. Dessa forma, tudo em acordo com os seus objetivos para simbolizar o seu discurso, e dessa maneira, evidencia-se o discurso e a ideologia que foi utilizado também pelo Estado brasileiro e a Igreja, para defender seus respectivos ideais.

7. O SUJEITO NA ÓTICA DISCURSIVA

Ao se falar de sujeito pensa-se em interpelação e entra em cena vários elementos muito importantes, contribuintes desses dois fatores, que os dotam de sentido e significância, formando um simbolismo que representa todo um conjunto de valores constituído ao longo do tempo ou determinada época. Conforme aponta (ORLANDI, 2001, p. 45-47):

> Enquanto prática significante, a ideologia aparece como efeito da relação necessária do sujeito com a língua e a com a história para que haja sentido. [...] É o gesto de

> interpretação que realiza essa relação do sujeito com a língua, com a história, com os sentido. Esta é a marca da subjetivação e, ao mesmo tempo, o traço da relação da língua com a exterioridade: não há discurso sem sujeito. E não há sujeito sem ideologia. (ORLANDI, 2001, p.47-48)

Então, um caso específico é a questão da interpelação do indivíduo através da ideologia materializada no discurso, o transformando em sujeito. Esse fenômeno de interpelação, através do que está sendo evidenciado, nota-se que é fruto de quatro elementos importantíssimos, são eles, historicidade, ideologia, discurso e língua, formando um todo repleto de sentido e significado, de acordo com o que mostra Orlandi:

> Afetados pela língua e pela história, temos um complexo processo de constituição desses sujeitos e produção de sentidos e não meramente transmissão de informação. São processos de identificação do sujeito, de argumentação, de subjetivação, de construção da realidade etc.[...] As relações de linguagem são relações de sujeitos e de sentidos e seus efeitos são múltiplos e variados. Daí a definição de discurso: o discurso é efeito se sentido entre locutores. (ORLANDI, 2001, p. 21)

Em prol da passagem apontada, nota-se que as relações dos sujeitos, que geram os sentidos e os significados, tendo como ferramenta a língua, que se construiu na história e constitui-se da mesma, são os mecanismos que materializam o discurso e o respalda, sendo fruto de um longo processo. Porém através da aquisição do discurso, ocorre o processo de identificação, argumentação e construção da realidade, dessa forma, consequentemente o sujeito é interpelado pelo discurso, tornando-se sujeito.

Outras maneiras de concepção do sujeito são evidenciadas por estudiosos da área, e uma constituição interessante é a trabalhada por (BRANDÃO, 2004, p. 59):

> A noção de história é fundamental, pois, porque marcado espacial e temporalmente, o sujeito é essencialmente histórico. E porque sua fala é produzida a partir de um determinado lugar e de um determinado tempo, à concepção de um sujeito histórico articula-se outra noção fundamental: a de um sujeito ideológico. Sua fala é um recorte das representações de um tempo histórico e de um espaço social. Dessa forma, como ser projetado num espaço e num tempo orientado aos discursos do outro.

Partindo desses pressupostos é colocado sobre sujeito e sua constituição, como uma forma paralela à referida por Orlandi, em que é mostrado igualmente as questões históricas como elementos que substanciam o sujeito, com isso, é uma concepção bem parecida como a forma evidenciada anteriormente.

No entanto, para Pêcheux (1975) *apud* Orlandi (2012), o sujeito juntamente com a sua ideologia, têm em sua essência toda essa questão da historicidade e especificidade de produção, mas não leva, somente em consideração tais elementos como vertentes concretas pré-existentes que estão formadas e disponíveis para utilização, mas sim como um já dito

dinâmico, que está apto a mudanças bruscas, junção, disjunção e até contrariedade, se tratando da formação e constituição do sujeito.

Após os apontamentos a respeito do sujeito interpelado, entende-se como ocorre a formação do indivíduo em sujeito concreto, através do discurso, embasado numa perspectiva ideológica. Dessa forma, relaciona-se essa fundamentação com a maneira de interpelação realizada por Antônio Conselheiro com os sertanejos, na narrativa *Os Sertões*, através de sua forma alternativa de vida e de interpretação das doutrinas religiosas, e que foi utilizado para colocar seus ideais.

8. A CONSTITUIÇÃO DA IDENTIDADE E DO POVO DE CANUDOS

Em decorrência da situação e do descaso, ocorrido com a sociedade brasileira, no final do século XIX, ressalta-se a situação da população interiorana do sertão baiano, cujo os mesmos foram os indivíduos que dispuseram-se e aderiram ao estilo de vida e seguimentos de valores de Antônio Conselheiro, e assim constituíram a população de Canudos.

E nessa formação da população de Canudos, mostra Cunha (2002) a multiforme características daquela povo:

> De sorte que ao fim de algum tempo a população constituída dos mais dispares elementos, sob crente fervoroso abdicando de si todas as comodidades da vida noutras paragens, ao bandido, solto que lá chegavam de clavinote ao ombro em busca de novo campo de façanhas, se fez a comunidade homogênea e uniforme, massa inconsciente e bruta, crescendo sem envolver, sem órgãos e sem função especializadas, pela só justaposição mecânica de levas sucessivas, à maneira de um polipeiro humano. (CUNHA, 2002, p. 176-177)

Especificando a parte feminina dessa multiformidade, percebe-se as mais diversas personalidades, conforme apresenta Cunha (2002, p. 185):

> Ali estavam, garfadas de pecados velhos, serodiamente penitenciados, as beatas – êmulas das bruxas das igrejas – revestidas da capona preta lembrando a holandilha fúnebre da Inquisição; as *solteiras*, termo que nos sertões tem o pior dos significados, desenvoltas e despejadas, soltas na gandaíce sem freios; as *moças donzelas* ou *moças damas*, recatadas e tímidas; honestas mães de famílias; nivelando-se pelas mesmas rezas.

Especula Hall (2006), que a crise de identidade no sujeito moderno abala suas estruturas subjetiva e formação social, contribuindo para que o sujeito fique disperso e avulso a qualquer condição de existência, assim se configurando o sujeito descentrado, e quanto a sua dispersão existencial, intitula-se celebração móvel. Logo, fazendo uma referência ao povo

do Arraial de Canudos com as evidências de Hall, pode-se perceber os mais variados tipos de personalidade e identidade, derivadas daquele meio social, sendo assim, é notório que aquela massa enquadra-se na classe de sujeito moderno, descentrado e celebrado movelmente.

Quanto a constituição do Arraial de Canudos pode-se referenciar alguns apontamentos bem importante e interessante feitos por Bauman:

> O problema que enfrentamos é a necessidade de nos libertarmos de uma sociedade que desenvolve em grande medida as necessidades materiais e mesmo culturais do homem – uma sociedade que, para usar um siogan, cumpre o que prometeu a uma parte crescente da população. E isso implica que enfrentamos a libertação de uma sociedade na qual a libertação aparentemente não conta uma base de massas. (BAUMAN, 2001, p. 23)

No que tange a sociedade e seus mecanismos, Bauman (idem), em seus desenvolvimentos a respeito da emancipação do sujeito, remete a situação da independência do mesmo em relação a responsabilidade do Estado, com suas demais atividades administrativas, mostrando que o Estado de controle sempre cumpre suas atividades de retorno social, porém com uma pequena parte, e esse fator faz-se remeter a oligarquia, em que somente um certo grupo é beneficiado.

Então nesse sentido de evidências, esses mesmos fatores sociais prevaleciam no pano de fundo da construção e estruturação de Canudos, essa desigualdade, assim emergindo uma necessidade de independência de vida e costumes a margem do Estado, por isso Antônio Conselheiro, tomou a iniciativa de desenvolver o Arraial de Canudos a qualquer circunstâncias em relação a infraestrutura, saúde, educação e outros elementos necessários para uma boa condição de vida, devido não compactuar com tal sistema de governo, se emancipou da estabilização do governo em relação a sua forma de vida, interpelando muitos sertanejos também para a mesma condição existencial.

A modernidade social era presente no final do século dezenove, e nesse mesmo espaço histórico estava ocorrendo a batalha de Canudos. Sendo assim, aconteciam duas formas de conflito, tanto o social como o de identidade, e a crise evidenciada por Hall (2006), percebendo ou não, influenciou na formação de identidade da sociedade da época, pelo Brasil está integrado no sistema mundial e existencial da sociedade. Vê-se a característica dessa crise, da forma como mostra Hall:

> O sujeito, previamente vivido como tendo uma identidade unificada e estável, está se tornando fragmentado; composto não de uma única, mas de várias identidades, algumas vezes contraditórias ou não resolvidas. Correspondentemente, as identidades, que compunham as paisagens sociais "lá fora" e que asseguravam nossa conformidade subjetiva com as "necessidades" objetivas da cultura, estão entrando em colapso, como resultado de mudanças estruturais e institucionais. O próprio

> processo de identificação, através do qual nos projetamos em nossas identidades culturais, tornou-se mais provisório, variável e problemático. (HALL,2006, p. 12)

Evidenciando o descaso do estado brasileiro com a população, deixando de fornecer meios para uma vida com acesso à educação, saúde, política e dignidade, deixando o povo sertanejo a margem de condições de vida, alheios a miséria e a fome, juntamente com os apontamentos feitos por Hall (2006), pode-se afirmar que esses fatores foram os subsídios que constituíram a formação de identidade e população do sertão, formando-se uma diversidade de personalidades, boas e ruins, marcadas pela crueldade da condição climática e marginalização como resultado do abandono republicano.

Nesse mesmo sentido, Bauman (2001) realiza alguns apontamentos acerca do posicionamento do Estado, e como esses posicionamentos refletem na sociedade, para tal, faz-se uma relação de como as perspectivas do Estado influenciaram certos elementos ocorridos para o surgimento de Canudos. Como observa-se na trecho frisado:

> A liberdade não pode ser ganha contra a sociedade. O resultado da rebelião contra as normas, mesmo que os rebelados não tenham se tornado bestas de uma vez por todas, e portanto, perdido a capacidade de julgar sua própria condição, é uma agonia perpétua de indecisão ligada a um Estado de incertezas sobre as intenções e movimentos dos outros ao redor – o que faz da vida um inferno. (BAUMAN, 2001, p. 29)

Nessa perspectiva nota-se que aquela grande massa de sertanejos que se identificaram com as ideologias de Antônio Conselheiro e decidiram segui-las, acabaram ampliando suas visões e pensamentos acerca de uma forma de vida, após as idealizações do mesmo, sendo assim, notaram a desconstrução feita pelo Estado, a respeito de uma maneira digna de viver e decidiram ir para o vilarejo de Canudos e lá seguirem seu próprio estilo de vida.

Na descrição da população de Canudos, percebe-se todo o aspecto e resultado, tanto da crise de identidade abordada por Hall, como os elementos da sociedade líquida, colocados por Bauman, nos estilos comportamentais da sociedade do interior do sertão e do Estado, resultantes do quadro social brasileiro. Então sobre esse viés, relaciona-se os conceitos teóricos, devido ser necessário especular-se o entendimento do que formou e caracterizou aquelas pessoas, e nessa perspectiva, esclarecer como os mesmos tinham seus pressupostos de situar-se no mundo, mas acabaram aderindo à um estilo de vida proposto por um líder religioso, que mantinha suas subjetividades de viver a margem das ordens do Estado brasileiro.

9. IDEOLOGIAS ANTAGONICAS: ANTÔNIO CONSELHEIRO X ESTADO

Ao se tratar do motivo que levou ao grande antagonismo entre Antônio Conselheiro, e a Igreja juntamente com o Estado republicano, nota-se que ambos se sentiram ameaçados pela proporção e grandiosidade que toda a situação acabou tomando, de toda uma identificação de centenas de pessoas com a filosofia de Conselheiro, e nessa relação, aquela multiformidade de pessoas aderiram totalmente aos costumes e estilo de vida do Beato Antônio, em que chegavam a se desfazer de tudo, inclusive bens, para partir e viver em Canudos. Mostra Cunha esse fato:

> Alguns lugares desta comarca e de outras circunvizinhas, e até do Estado de Sergipe ficaram desabitados, tal a aluvião de famílias que subiam para os Canudos, lugar escolhido por Antônio Conselheiro para o centro de suas operações. Causava dó verem-se expostos à venda nas feiras, extraordinária quantidade de gado cavalar, vacum, caprino, etc., além de outros objetos, por preços de nonada, como terrenos, casas, etc. O anelo extremo era vender, apurar algum dinheiro e ir reparti-lo com o Santo Conselheiro. (CUNHA, 2002, p. 171)

Analisando esse contexto, esse foi um dos grandes motivos que desencadearam toda a contrariedade ideológica entre as classes e as partes envolvidas na obra *Os Sertões*, em que o AIE e o AR, que dominavam a constituição social da época, notaram toda essa disposição, em relação a todos sentidos para as atividades sociais do Conselheiro, e assim perceberam que seus monopólios tornaram-se instáveis, em vista do grande número de fiéis que foi e estavam sendo interpelados por Antônio Conselheiro. O fenômeno interpelação é a sujeição de um indivíduo a uma condição de vida e aquisição de sentidos na mesma, mesmo que de forma inconsciente, pensando ser autor de seus atos, proposta por uma ideologia, conforme mostra Orlandi:

> Este é o trabalho da ideologia: produzir evidências, colocando o homem na relação imaginária com suas condições materiais de existência. Podemos começar por dizer que a ideologia faz parte, ou melhor, é a condição para a constituição do sujeito e dos sentidos. O indivíduo é interpelado em sujeito pela ideologia para que produza o dizer. (ORLANDI, 2001, p. 46)

Dessa forma, esse fator estava indo contra a filosofia do AIE e AR, proposta por Althusser (1970), em que a Política, o Exército e a Igreja, fazem parte dos mecanismo de controle das atividades sociais, conforme evidenciado anteriormente, então, os mesmos agem através da repressão, violência e ideologia.

Na corrente de fatos nas devidas circunstâncias do sertão baiano, havia por parte de Antônio Conselheiro e seus fiéis, antes dos grandes confrontos nefastos que culminou na guerra de Canudos, muita dedicação e disposição para ajudar o próximo e intensificar as

doutrinas e preservar os templos cristãs, e isso eram ótimas essências em suas ideologias, mesmo que fossem consideradas deturpadas pelo Estado, fazia forte alusão ao cristianismo. Esses atos solidários são evidenciados em *Os Sertões* da seguinte forma:

> Reconstruíram-se templos abatidos; renovavam-se cemitérios em abandono; erigiam-se construções novas e elegantes. Os pedreiros e carpinteiros trabalhavam de graça; os abastados forneciam, grátis, os materiais indispensáveis; o povo carregava pedras. Durante dias seguidos, na azáfama piedosa, se agitavam os operários cujos salários se averbavam nos céus. (CUNHA, 2002, p. 163)

Esses acontecimentos abordados deixam a noção grandiosa de um dos motivos de tantos adeptos ao estilo de vida do Beato Conselheiro, porque apesar de tudo, sua marginalização, e a acusação do Estado e da Igreja de desconstrução de valores morais e religiosos, os fiéis o conheciam, começavam a fazer parte de seu ciclo de produção social, notavam suas filosofias e juntavam-se a ele. Desde então começavam arduamente naquela jornada de devoção e dedicação ao subjetivo ideal do que seria um maneira correta de viver, deixando assim, as instituições sociais evidenciadas totalmente desconcertadas e receosas. Essa identificação com o Conselheiro é esclarecido nesse apontamento de Althusser:

> Vejamos o que passa nos <<indivíduos>> que vivem na ideologia, isto é, numa representação do mundo determinada (religiosa, moral, etc.), cuja deformação imaginária depende da relação imaginária destes indivíduos com suas condições de existência, isto é, em última instância, com as relações de produção de classe (ideologia=relação imaginária com relações reais). Diremos que esta relação imaginária é em si mesma dotada de uma existência material. (ALTHUSSER, 1980, p. 85)

Sendo assim, faz-se uma relação com a obra *Os Sertões*, e as condições reais de existência dos fiéis, com as condições imaginárias propostas pelo Beato Conselheiro, foram vertentes que materializaram essa condição subjetiva colocado pelo mesmo, do que seria a maneira igual, justa, real e concreta de se viver. Então essa relação materializou para os fiéis, uma condição existencial real do bem necessário, numa vida em sociedade.

A primeira instituição social que se abalou com a situação que estava acontecendo no sertão baiano foi a igreja, e assim manifestou-se logo através do arcebispo baiano, suas contrariedades às prerrogativas de Antônio Conselheiro, de forma a proibir o mesmo de realizar o que era de costume, como pregar, rezar terços e fazer peregrinações. Como nota-se na seguinte passagem:

> Chegando ao nosso conhecimento, que pelas freguesias do centro deste arcebispado, anda um indivíduo denominado Antônio Conselheiro, pregando ao povo, que se reúne para ouvi-lo, doutrinas supersticiosas e uma moral excessivamente rígida com que está perturbando as consciências e enfraquecendo, não pouco, a autoridade dos párocos destes lugares, ordenamos a V. Revma., que não consista em sua freguesia semelhante abuso, fazendo saber aos Paroquianos que lhes proibimos absolutamente, de se reunirem para ouvir tal pregação, visto como, competindo na

> igreja católica, somente aos ministros da religião, a missão santa de doutrinar os povos, um secular, quem quer que ele seja, ainda quando muito instruído e virtuoso, não tem a autoridade para exercê-la. (CUNHA, 2002, p. 164)

Após essa colocação, vê-se que ocorreu uma contrariedade e princípio de repreensão da Igreja contra Antônio Conselheiro, e essa repressão aconteceu devido os mecanismos evidenciados por Althusser (1970), em que os AIE e AR controlam e são responsáveis por reproduzirem as relações de produção, e assim manter a ordem estabelecida de acordo com os objetivos institucionais da sociedade. E aquela multidão de fiéis não estavam mas sob controle do Estado, com isso, o mesmo estava perdendo estabilidade. Portanto, para a Igreja o surgimento supremo do Beato Antônio estava abalando a ordem estabelecida e simbolizada da mesma.

Um outro elemento que fazia grandes contrariedades entre Antônio Conselheiro e o Estado, era o fato de não compactuar com as leis estatais, por isso, o Beato via o Estado com maus olhos, conforme é abordado por Cunha:

> Decretada a autonomia dos munícipios, as Câmaras das localidades do interior da Bahia tinham afixado nas tábuas tradicionais, que substituem a imprensa, editais para a cobrança de impostos etc. Ao surgir esta novidade Antônio Conselheiro estava em Bom Conselho. Irritou-o a imposição; e planeou revide imediato. Reuniu o povo num dia de feira e, entre gritos sediciosos e estrepitar de foguetes, mandou queimar as tábuas que a fraqueza das autoridades não impedira, e pregou abertamente a insurreição contra as leis. (CUNHA, 2002, p. 168-169)

Após o esclarecimento desses fatores, ressalva-se que foi o ponto de partida, isto é, o início de uma grande e constante jornada de perseguição a Antônio Conselheiro e seus fiéis, culminando na guerra de Canudos, em prol de tamanha defronta com as proposições colocadas pelo AIE – Jurídico. Em vista de todos esses elementos realçados em virtude de ações de Antônio Conselheiro e seus fiéis, por parte do líder têm uma característica bem próxima do sujeito iluminista trabalhado por Hall, conforme o apresentado:

> O sujeito do Iluminismo estava baseado numa concepção da pessoa humana como um indivíduo totalmente centrado, unificado, dotado das capacidades de razão, de consciência e de ação, cujo "centro" consistia num núcleo interior, que emergia pela primeira vez quando o sujeito nascia e com ele se desenvolvia, ainda que permanecendo essencialmente o mesmo – contínuo ou "idêntico" a ele – ao longo da existência do indivíduo. O centro essencial do eu era a identidade de uma pessoa. (HALL, 2006, p. 11)

E dessa forma consiste o sujeito iluminista nessa perspectiva, numa estrutura totalmente embasada no subjetivismo, centralizado e no eu, e nas características e comportamentos de Antônio Conselheiro eram notáveis esses itens. E quanto a massa comandada pelos seus conceitos, referencia o sujeito descentrado e celebrado movelmente,

propício e aberto a dinamização de identidade e ideologia, a qualquer momento. De acordo como aborda Hall:

> O sujeito, previamente vivido como tendo uma identidade unificada e estável, está se tornando fragmentado; composto não de uma única, mas de várias identidades, algumas vezes contraditórias ou não resolvidas. Correspondentemente, as identidades, que compunham as paisagens sociais "lá fora" e que asseguravam nossa conformidade subjetiva com as "necessidades" objetivas da cultura, estão entrando em colapso, como resultado de mudanças estruturais e institucionais. O próprio processo de identificação, através do qual nos projetamos em nossas identidades culturais, tornou-se mais provisório, variável e problemático. (HALL, 2006, p. 12)

Dessa forma, fica claro as duas concepções de sujeito, que eram notáveis em Antônio Conselheiro e os seus fiéis, assim como a visão da Igreja e do Estado em relação a eles. Evidenciado isto, fica mais propício ao entendimento o comportamentos de todas as partes envolvidas nesse antagonismo. Dessa maneira conhece-se e compreende-se o fenômeno social Guerra dos Canudos. Logo, fica claro a alusão dos tipos de identidades, relações e comportamentos colocados por Hall e Bauman, com os elementos colocados da obra *Os Sertões.*

10. ANTÔNIO CONSELHEIRO: O SUJEITO QUE INTERPELOU MILHARES ATRAVÉS DO SEU DISCURSO

Antônio Conselheiro, que sujeito é esse? Antônio Vicente Mendes Maciel (o conselheiro), "o anacoreta sombrio, cabelos crescidos até os ombros, barba inculta e longa, face escaveirada, olhar fulgurante, monstruoso, dentro um hábito azul de brim, abordoado ao clássico bastão, em que se apoia o passo tardo dos peregrinos" (CUNHA, 2002, p. 153).

O líder religioso apresentava fisicamente os relatados aspectos, e que antes do mesmo assujeitar múltiplos fiéis e os encaminhar a Canudos, ao chegar nos pequenos vilarejos do interior do sertão baiano, ao longo de suas peregrinações, assustava e chamava muita atenção das pessoas, a ponto de as mesmas pararem de realizar suas atividades e irem observá-lo. No entanto, o pasmo com Antônio Conselheiro se transformou em admiração, "Espelhavam-lha a admiração intensa e o respeito absoluto que o tornaram em pouco tempo árbitro incondicional de todas as divergências ou brigas, conselheiro predileto em todas as decisões" (CUNHA, 2002, p. 154), isso dado ao assujeitamento, e Orlandi explica claramente esse fenômeno, conforme se ver:

> É um sujeito ao mesmo tempo livre e submisso. Ele é capaz de uma liberdade sem limites e uma submissão sem falhas: pode tudo dizer, contanto que se submeta à língua para sabe-la. Essa é a base do que chamamos assujeitamento.[...] Submetendo o sujeito mas ao mesmo tempo apresentando-o como livre e responsável, o assujeitamento se faz de modo a que o discurso apareça como instrumento (límpido) do pensamento e um reflexo (justo) da realidade. Na transparência da linguagem, é a ideologia que fornece as evidências que apagam o caráter material do sentido e do sujeito. (ORLANDI, 2001, p. 50-51)

Esse enunciado esclareci a respeito da caracterização do assujeitamento, mostrando os seus mecanismos e funcionamento, abordando qual a forma de materialização e fundamentação do mesmo, apresentando que tal fenômeno dá uma noção de liberdade, porém indiretamente de controle, materializada através da ideologia, que por evidência é homogeneizada no discurso, e tal forma de comunicação ganha propriedade na língua, e a língua é engajada na historicidade. Então são elementos que estão interligados configurando uma condição e estilo de vida, e dessa forma os fiéis sertanejos se assujeitaram totalmente às ideologias do Beato Antônio Conselheiro.

O estilo de vida de Antônio Conselheiro, forma de identificar-se no mundo e situá-lo no mesmo, primeiramente chamou a atenção do povo sertanejo devido a sua excentricidade, especificando sua forma de vestir-se, seu aspecto físico, sua aparência estética, sua maneira de religiosidade e seu tom profético ao se expressar perante as pessoas.

Então com o passar dos anos, aqueles sertanejos que o viam como um ser mendigo e assombroso, passaram a se identificarem com suas ideologias, estilo de vida, “Acompanhado de duas professas, vive a rezar terços e ladainhas e a pregar e a dar conselhos às multidões, que reúne, onde lhe permitem os párocos; e, movendo sentimentos religiosos, vai arrebatando o povo” (CUNHA, 2002, p. 155), e a forma como o mesmo seguia suas peregrinações. Conforme mostra Cunha:

> Ali chegou como em toda parte, desconhecido e suspeito, impressionado pelos trajes esquisitos - camisolão azul, sem cintura; chapéu de abas largas, derrubadas; e sandálias. Às costas um surrão de couro em que trazia papel, pena e tinta, a *Missão Abreviada* e as *Horas Marianas*.
>
> Vivia de esmolas, das quais recusava qualquer excesso, pedindo apenas o sustento de cada dia [...] Ia-lhe crescendo o prestígio. Já não seguia só. Encalçavam-no na rota desnorteada os primeiros fiéis. Não os chamara. Chegaram-lhe espontâneos, felizes por atravessarem com ele os mesmos dias de provações e misérias. (CUNHA, 2002, p. 155, grifo do autor)

Nos trechos evidenciados, pode-se perceber que Antônio Conselheiro, fazia parte daquele grupo social que vivia à margem das leis do Estado, por não compactuar com aquelas ideologias republicanas, legislativas e apresentava tendências rebeldes, mostrando

característica de um sujeito emancipado, quanto a sua relação com o Estado, conforme a idealização de Bauman:

> "Libertar-se" significa literalmente libertar-se de algum tipo de grilhão que obstrui ou impede os movimentos; começar a ir-se livre para se mover ou agir. "Sentir-se livre" significa não experimentar dificuldade, obstáculo, resistência ou qualquer outro impedimento aos movimentos pretendidos ou concebíveis. (BAUMAN, 2001, p. 23)

Esse apontamento anterior, evidencia a questão da liberdade e emancipação do sujeito, tanto na busca do sujeito à sua liberdade dos conceitos básicos e doutrinários impostos pelo Estado, quanto as evidências das obrigações do Estado com a população assujeitada as suas ideologias. E na relação com as perspectivas de Antônio Conselheiro, é detectável um elemento muito forte em suas ideologias, na questão de ser e tornar-se emancipado do Estado.

Uma das formas de expressão de Antônio Conselheiro que chamou a atenção da sociedade em geral, e especificamente dos sertanejos e fiéis, que consequentemente despertou nos mesmos a admiração e respeito, foi o seu discurso, que era baseado nas doutrinas religiosas e de cunho profético, caracterizando sua verdade, remetendo a um princípio dialético grego que conforme Foucault, dava muita credibilidade ao discurso. Trata-se do referenciado trecho:

> Porque, ainda nos poetas gregos do século VI, o discurso verdadeiro – no sentido forte e valorizado do termo – o discurso verdadeiro pelo qual se tinha respeito e terror, aquele ao qual era preciso submeter-se, porque ele reinava, era o discurso pronunciado por quem de direito e conforme o ritual requerido; era o discurso que pronunciava a justiça e atribuía a cada qual sua parte; era o discurso que, profetizando o futuro, não somente anunciava o que ia se passar, mas contribuía para a sua realização, suscitava a adesão dos homens e se tramava assim com o destino. (FOUCALT, 1999, p. 14-15).

Conforme o frisado, a questão evidenciada a respeito do Discurso, que profetizava o futuro e que seria o conceito supremo de verdade, têm total igualdade como Antônio Conselheiro colocava suas pregações e filosofia, ainda com um caráter insano, dando total fortalecimento e excentricidade ao seu discurso, e assim chamava atenção e interpelava os sertanejos. Esse fator é notório conforme mostra Cunha:

> Ele ali subia e pregava. Era assombroso, afirmam testemunhas existentes. Uma oratório bárbara e arrepiadora, feita de excertos truncados das *Horas Marianas*, desconexa, abstrusa, agravada, às vezes, pela ousadia extrema das citações latinas; transcorrendo em frases sacudidas; nisto inextricável e confuso de conselhos dogmáticos, preceitos vulgares da moral cristã e de profecias esdrúxulas...
>
> Era truanesco e era pavoroso.
>
> Imagine-se um bufão arrebatado numa visão do Apocalipse..
>
> Parco de gestos, falava largo tempo, olhos em terra, sem encarar a multidão abatida sob a algaravia, que derivava demoradamente ao arrepio do bom senso, em melopeia fatigante. (CUNHA, 2002, p. 159)

Nessa afirmação, percebe-se que as caraterísticas de Antônio Conselheiro acabavam chamando muita atenção e aglomerando centenas de pessoas no local de pregação, e esse fato ocorria por dois fatores, pela identificação dos fiéis interpelados pelo Beato e pelas maneiras de pregação dele. E dessa forma, através de seu discurso, Conselheiro caracterizava o seu sistema de identidade, personalidade e passava para os fiéis, todo um sistema de ideologias e maneira de situar-se na sociedade, baseando todos esses mecanismos em seu discurso. Porque conforme mostra (FOUCAULT, 1999, p. 10) "o discurso não é simplesmente aquilo que traduz as lutas ou os sistemas de dominação, mas aquilo por que, pelo que se luta, o poder do qual nos queremos apoderar". Isto é, essa ferramenta de expressão é dotada de muito poder, por ser a forma de transposição de simbolismo, representação das ideologias, fatos e fenômenos sociais.

Para Brandão (2004), o discurso têm esse mesmo viés de controle e poder, e esse pilar linguístico é apoiado por dois fatores que estruturam e respaldam totalmente o discurso, o caracterizando e o tornando representativo e simbólico, conforme nota-se em evidências abordadas:

> O discurso é uma das instâncias em que a materialidade ideológica se concretiza, isto é, é um dos aspectos materiais da "existência material" das ideologias. Ao analisarmos a articulação da ideologia com o discurso, dois conceitos já tradicionais em AD devem ser colocados: o de formação ideológica (que abreviaremos FI) e o de formação discursiva (FD). (BRANDÃO, 2004, p.46)

Após essas colocações mostrando dados de formação, caracterização, utilização do discurso e relacionando com as perspectivas de Antônio Conselheiro, têm-se um visão interessante e esclarecedora de como ele realizou a faceta de interpelar e levar milhares de fiéis, jagunços, bandidos e pessoas das mais diversas culturas ao Arraial de Canudos. De acordo com o trecho a seguir:

> De sorte que ao fim de algum tempo a população constituída dos mais dispares elementos, sob crente fervoroso abdicando de si todas as comodidades da vida noutras paragens, ao bandido, solto que lá chegavam de clavinote ao ombro em busca de novo campo de façanhas, se fez a comunidade homogênea e uniforme, massa inconsciente e bruta, crescendo sem envolver, sem órgãos e sem função especializadas, pela só justaposição mecânica de levas sucessivas, à maneira de um polipeiro humano. (CUNHA, 2002, p. 176-177)

O seu discurso e estilo de vida era interessante para aquelas pessoas que corroboraram com a constituição do vilarejo. Sendo assim, devido o discurso estar sempre respaldado na formação discursiva e ideológica do enunciador, evidencia-se as do Beato Conselheiro, para se esclarecer e respaldar o discurso de Antônio. O seguinte trecho alude bem esse fator:

> O filho, sob a disciplina de um pai de honradez proverbial e ríspido, teve educação que de algum modo o isolou da turbulência da família. Indicam-no testemunhas de

> vistas, ainda existentes, como adolescente tranquilo e tímido, sem o entusiasmo feliz dos que seguem as primeiras escalas da vida; retraído, avesso à troça, raro deixando a casa de negócio do pai, em Quixeramobim, de todo entregue aos misteres de caixeiro consciencioso, deixando passar e desaparecer vazia a quadra triunfal dos vinte anos. [...] Arrostando com a tarefa de velar por três irmãs solteiras revelou abnegação rara. Somente depois de as ter casado procurou, por sua vez, um enlace que lhe foi nefasto. (CUNHA, 2002, p. 151)

Conforme o apontamento, entende-se que Antônio Conselheiro teve por parte da família uma criação bem rígida, regrada e embasada de valores morais fortíssimos, devido a severidade do pai, que se chamava Vicente Mendes Maciel, homem de muito respeito, fazendo com que o filho se tornasse um rapaz, trabalhador, honrado e respeitado. E dessa forma até cuidava juntamente dos interesses da família no comércio, juntamente com o desfecho matrimonial das irmãs, mostrando assim, uma grande responsabilidade que o mesmo tinha com a família e deveres sociais. No entanto, as formações do Beato não se consolidaram somente a essas evidências em sua juventude, frustrações fortes o abalaram e contribuíram para o despertar de um lado rebelde. De acordo com o que mostra Cunha:

> A mulher foi a sobrecarga adicionada à tremenda tara hereditária, que desequilibraria uma vida iniciada sob os melhores auspícios. [...] Tendo ficado sem bens de fortuna, Antônio Maciel, nesta fase preparatório de sua vida, a despeito das desordens do lar, ao chegar a qualquer nova sede de residência procura logo um emprego, um meio qualquer honesto, de subsistência. [...] De repente, surge-lhe revés violento. O plano inclinado daquela vida em declive termina, de golpe, em queda formidável. Foge-lhe a mulher, em Ipu, raptada por um policial. Foi o desfecho. Fulminado de vergonha, o infeliz procura o recesso dos sertões, paragens desconhecidas, onde lhe não saibam o nome; o abrigo da absoluta obscuridade. (CUNHA, 2002, p.152-153)

Após os esclarecimentos, nota-se que grandes e impactantes acontecimentos positivos e negativos, juntamente com a não adesão as ordens do Estado, ocorreram na vida social do Beato, contribuindo intensamente para a tomada de decisão que mudaria o rumo de sua vida, e tal faceta sintetizou-se na forma de viver totalmente a margem do que seria uma vida comum e a par do Estado.

Sendo assim, após as colocações das formações de Antônio Conselheiro, pode-se entender o motivo e fatos que formaram aquele grande líder religioso para os nordestinos. Então faz-se a relação entre as formações ideológicas e discursivas de Conselheiro e a entremeia com os apontamentos abordados por Brandão, de FI – Formação Ideológica e FD – Formação Discursiva, para transparecer bem o discurso do Conselheiro. A passagem seguinte referencia esses mecanismos:

> Num determinado momento histórico e no interior mesmo desses aparelhos, as relações de classe podem caracterizar-se pelo afrontamento de posições políticas e ideológicas que se organizam de forma a entreter entre si relações de aliança, de antagonismos ou de dominação. Essa organização de posições políticas e ideológicas é que constitui as formações ideológicas. [...] São as formações

> discursivas que, em uma formação ideológica específica e levando em conta uma relação de classe, determinam "o que pode e deve ser dito" a partir de uma posição dada em uma conjuntura dada. (BRANDÃO, 2003, p. 47-48)

Nessa perspectiva, é realçado elementos estruturantes e definidores de formação ideológica e formação discursiva, juntamente com seus objetivos, e faz-se uma alusão e relação com as do Beato Conselheiro, e assim é percebido que conforme as evidências colocadas sobre o mesmo anteriormente, suas formações baseavam-se nos princípios ideológicos rígidos familiar, que por evidências trazia essências cristãs, numa conjuntura com os conflitos subjetivos e sociais ocorridos em sua vida, resultando dessa maneira nesse grande líder religioso para os sertanejos e num grande ícone da História do Brasil.

Após os levantamentos que esclareceram quem foi Antônio Conselheiro, quais as suas formações sociais e subjetivas, assim como, o fato que o tornou o grande líder religioso, resultado de sua forma de ver e situar-se no mundo, numa interligação com os grandes motivos que incomodaram os AIE – Religião e Jurídico, e AE – Estado, que na época eram os grandes controladores da sociedade, têm-se uma visão clara e explícita das relações dos fatos que culminaram naquela batalha nefasta, assim, compreende-se alguns panoramas implícito nesse fenômeno social a guerra de Canudos, retratada por Euclides da Cunha, na obra *Os Sertões*.

11. CONSIDERAÇÕES FINAIS

Após todas as colocações apontadas a respeito do sujeito moderno, pós-moderno, discursivo e ideológico, e seus mecanismos essenciais, juntamente com os métodos de transposição deles na sociedade, numa conjuntura e esclarecimento de como se desenvolve a estrutura e funcionamento do discurso, e a materialização da ideologia através do mesmo, têm-se uma noção muito propícia ao entendimento desses mecanismos, perante o que foi mostrado, citado e argumentado. Apresentando um grande campo de reflexão e item a ser estudado e explorado, uma vez que as abordagens feitas nesse TCC – Trabalho de Conclusão de Curso, foram sintetizadas em prol do objetivo do trabalho, mas nota-se grande teor de estudo a ser entendido na vertente discursiva da A.D – Análise do Discurso.

No desenvolvimento do trabalho, fica nítido a importância das teorias colocadas em pauta como aporte teórico, visando explicar um fenômeno que é o assujeitamento do indivíduo, através do processo de interpelação, na sua forma material discursiva, para o

entendimento de uma visão empírica, da sociedade. Porque através de uma interpretação dessas alternativas teóricas têm-se e se compreende alguns acontecimentos e ciclos reprodutivos da existência da sociedade que nunca mudam, e essa proposta gera uma noção de toda essa realidade e verdade que simboliza-se na história social.

Nesse sentido, os resultados obtidos, foram os esclarecimentos e entendimentos, acerca dos elementos abordados, a respeito da identidade do sujeito, da ideologia, do discurso, na perspectiva da AD – Análise do Discurso, na relação com alguns apontamentos da *obra Os Sertões* de Euclides da Cunha. Sendo assim, juntamente com a visão esclarecedora do contexto histórico e social, de forma minimizada, porém que alavancou os elementos essenciais que culminaram na constituição do povo e do arraial de Canudos, conheceu-se e interpretou-se o corpus, e dessa forma, pode-se os utilizar para adquirir uma opinião formada ou em constante progressão acerca do entendimento do mundo.

12. REFERÊNCIAS BIBLIOGRÁFICAS

ALTHUSSER, Louis. **Ideologia e aparelhos ideológicos do Estado**. 3ª. ed. Lisboa: Editorial Presença/Martins Fontes, 1970.

AMODEO, Wagner. **Resenha A ordem do Discurso**. Disponível em: <http://www.academia.edu/1085514/resenha_de_a_ordem_discurso_de_michael_foucault. Acesso em: 28 set. 2017.

AVIGHI, Carlos Marcos. **Euclides da Cunha jornalista**. São Paulo, 1987, p. 30. Tese (Doutorado em Ciências da Comunicação) – São Paulo.

BAUMAN, Zigmunt. **Modernidade Líquida**. Rio de Janeiro: Jorge Zahar, 2001.

BRANDÃO, Helena. **Introdução à análise do Discurso**. 2ª ed. rev.- Campinas, SP: Editora da UNICAMP, 2004.

CUNHA, Euclides da. **Os Sertões.** 22ª. Ed. Rio de Janeiro: Ediouro, 2002.

FERREIRA, Marieta de Moraes. **Estado e oligarquias na Primeira República: um balanço das principais tendências historiográficas.** Disponível em: <http://www.scielo.com.br/6309288/dowload-pdf_históriarepúblicaparâmetros. Acesso em: 06 out.2017.

FOUCAULT, Michael. **A ordem do discurso**. 5ª. ed. São Paulo, Brasil: Edições Loyola 1999.

HALL, Stuart. **A identidade cultural na pós-modernidade.** 11.ed. RJ: DP&A editora, 2006.

MONTE, Kalyne Teixeira do. **Primeira república brasileira: marco histórico do surgimento da responsabilidade civil do estado.** Disponível em: <http://www.scielo.com.br/4586903/dowload-pdf_primeirarepúblicabrasileira. Acesso em: 02 out.2017.

ORLANDI, Eni. **Análise de discurso*:* princípios e procedimentos**. Campinas, SP: Pontes Editores, 2001.

ORLANDI, Eni. **Discurso em Análise: sujeito, sentido, ideologia**. 2ª.ed. Campinas, SP: Editores, 2012.

PINTO, Surana Sá. **Estado e oligarquias na Primeira República: um balanço das principais tendências historiográficas.** Diponível em: <http://www.scielo.com.br/6309288/dowload-pdf_históriarepúblicaparâmetros. Acesso em: 06 out. 2017.

VENTURA, Roberto. **Euclides da Cunha e a primeira república.** Disponível em: <http://www.scielo.com.br/3016934/dowload-pdf_euclidescunhacontextohistórico. Acesso em: 08 out. 2017.